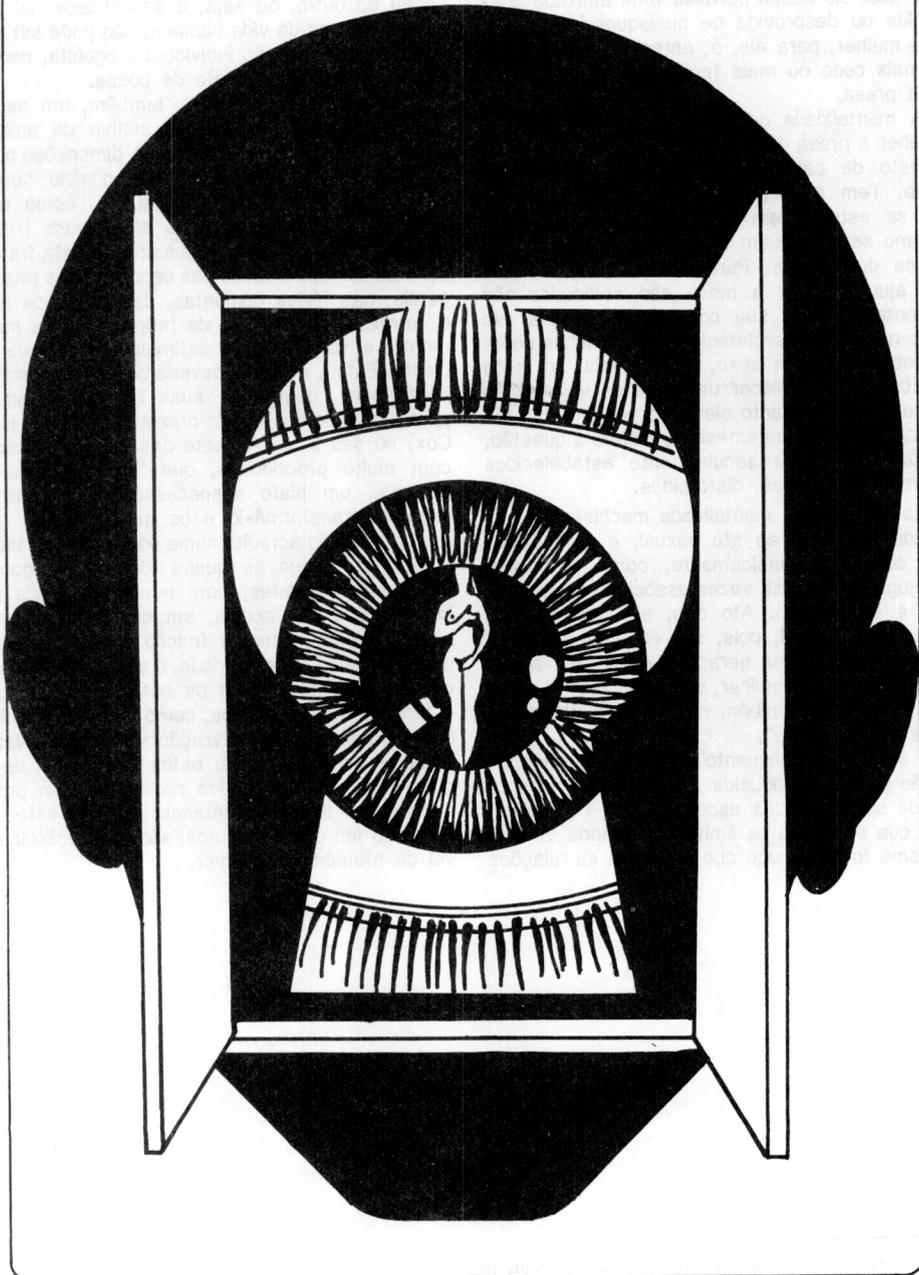


# PORTA ABERTA



## LAZER E SOCIEDADE

*José Carlos Grando \**

O presente ensaio não tem pretensões teóricas e nem se propõe a reconstruir ou desenvolver uma teoria sobre o lazer — na sua perspectiva social. Isto não quer dizer que não se baseie em uma reflexão teórica. Falar sobre práticas sociais, e o lazer sendo uma delas, supõe considerar a origem do trabalho massificado e do fenômeno lazer.

A partir dessa perspectiva, o objetivo deste estudo se constitui em levantar alguns subsídios para a reflexão das práticas sociais desenvolvidas na área de lazer, apontando para a necessidade de reflexão de ordem, de um lado, teórica, e de outro, prática, que deve contemplar a leitura da realidade social.

Estamos conscientes das dificuldades desta proposta, visto que o tema sempre foi norteado de forma ambígua. Por isto, não pretendemos traçar novas teses a respeito, mas repetindo, tentar dar subsídios para abrir novas discussões que favoreçam as “correções” e “alterações”.

### PRÁTICAS SOCIAIS — LAZER

Na conjuntura de crescente interesse que norteia os segmentos do homem em sociedade, encontra-se envolvida a importância da discussão em torno do fenômeno lazer.

O tema vem sendo tratado das mais diversas formas, especialmente por parte dos estudiosos do assunto, que têm tecido algumas críticas às suas várias direções, tanto nos países desenvolvidos, como naqueles em desenvolvimento.

Segundo Marcellino (1983), o conteúdo dessas críticas quanto ao fenômeno lazer sempre assinalou uma ambigüidade. Segundo ele, de um lado, “(...) pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes críticas com relação às esferas pessoal e social, ou, simplesmente, acentuar o conformismo, levando a processos de acomodação.”

Na sua linha de raciocínio, ele alerta sobre

outros autores que “(...) vêm analisando e pedindo atenção para as atitudes geradas pelo que chamam de “valores destrutivos do lazer”. Situam-se nesse campo aquelas atividades desenvolvidas no “tempo livre” que possam ser caracterizadas como “patológica”. Não resta dúvida que é muito difícil uma separação entre atitudes desejáveis e indesejáveis, quando se aborda uma área de ação marcada exatamente pelo alto grau de escolha individual. Ao colocar a questão em termos do que seja normal ou patológico, é preciso que se estabeleça de que ângulo a observação está sendo efetuada. Muitas vezes, por trás dessa distinção, vamos não só encontrar preconceitos mas também manifestações ideológicas que nada mais são do que defesas para não abalar a posição da classe dominante, ou pontos de vista de grupos e instituições tradicionais. Entretanto, mesmo levando em conta toda a carga que essas expressões trazem em si, não se pode deixar de considerar que algumas atividades, levadas a efeito no tempo disponível, não são desejáveis do ponto de vista social, porque vão frontalmente contra os valores de desenvolvimento da pessoa humana nas suas relações. Muitas dessas atividades colocam em risco a qualidade de vida, e até mesmo a vida, dos seus praticantes ou de outros membros da comunidade.” (Marcellino, 1963, p. 67)

Sob o aspecto das “indústrias do lazer”, a crítica denuncia a tentativa de transformar o lazer em aparelho de manipulação ideológica orientando as escolhas e os modismos, manipulando o gosto e determinando os programas.

Muitas vezes esta uniformidade quer transformar a consciência das pessoas ou mesmo convertê-la em indiferença em relação à vida política do homem e à própria participação do povo nos poderes de decisão. Ela modela este povo através do pensamento político do liberalismo e as idéias dos tecnocratas do governo na compreensão da sociedade capitalista da era industrial. Este homem, então, passa a ser visto, não simplesmente como

\* Professor mestrando na Universidade Gama Filho — Mestrado em Educação Física.

— Professor do SES/SC.

— Professor da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina.

— Membro do CBCE

cidadão, mas como mera peça da produção e do consumo.

Edgar Morin (1984), em seu trabalho, "cultura de Massas no Século XX", diz que: "O consumo dos produtos se torna, ao mesmo tempo, o auto-consumo da vida individual. Cada um tende não mais a sobreviver na luta contra a necessidade, não mais a se enroscar no lar familiar, não inversamente, a consumir sua vida na exaltação, mas a consumir sua própria existência.

Assumindo as colocações de Aranha e Martins (1986): o mundo é resultante da ação humana, "(...) e o trabalho, ao mesmo tempo que transforma a natureza, adaptando-a as necessidades humanas, altera o próprio homem, desenvolvendo suas faculdades".

Através da ótica de Morin (1984), "os conteúdos humanos do trabalho se atrofiam, a integração dos antigos trabalhadores autônomos (artesões e comerciantes) no seio do salariado atenua o apego quase biológico mantido em relação às atividades laboriosas.

Se o trabalho é ação transformadora da realidade, e é pelo trabalho que o homem se autoproduz, verificamos, então, que, para tanto, o tema "trabalho" não pode ser colocado à parte. Daí a interdependência do que chamamos de binômio trabalho-lazer.

O mesmo raciocínio se aplica ao lazer, porque o homem, ao aprender a usar seu tempo livre (liberdade de escolha e igualdade), em última análise, educa-se para o lazer.

Ao não saber utilizar seu tempo livre, o homem passa a ser alienado destituído de qualquer condição de optar por sua liberdade de escolha de lazeres.

O "trabalho em migalhas" descrito por Friedmann (1957) no seio dos grandes centros industriais ou burocráticos, foi esvaziado de responsabilidade e de criatividade pelo operário especializado em máquinas, ou o trabalhador de escritório que preenche formulários. Desde então, a personalidade negada no trabalho, o homem tenta reencontrar fora da zona estéril e efêua, durante o lazer, trabalhos pelos quais se sente individualmente interessado e responsável ou mesmo inventivo.

Se o lazer é um elemento de contribuição para recuperar o lado humano, minimizando os efeitos negativos verificados na dinâmica das relações das sociedades modernas, o homem deve encará-lo como fator mutável, que ajude a alterar a maneira de perceber, de pensar e sentir o mundo.

Por outro lado, segundo a análise feita por Aranha e Martins, é através do trabalho que se atinge a expressão da liberdade "(...) o trabalho, para atingir esse nível superior não depende apenas da vontade individual. Ao contrário, inserido no contexto social que o torna possível, muitas vezes é condição de alienação, e não de liberdade. Isso

ocorre nos sistemas onde as divisões sociais privilegiavam alguns e submetem a maioria a um trabalho imposto, rotineiro e nada criativo. Ao invés de contribuir para a realização do homem, este trabalho destrói sua liberdade." (Aranha e Martins, 1986, p.6)

A emancipação das amarras morais, políticas etc., porém, não depende de transformações que ocorram no homem, individualmente, ou num grupo, mas de transformações que envolvam toda a sociedade.

Para Karl Marx, a libertação dos homens das alienações, das pressões políticas ou ideológicas é um problema que necessita de uma solução científica que os conduza à transformação da sociedade.

Ao atingir o nível de consciência da necessidade e desfrutar os benefícios advindos do lazer, o trabalhador pode discutir a transformação da sua própria existência dentro da sociedade. Só assim, então, estará em condição para desenvolver a sua formação política através do lazer. Vale salientar que a simples participação não basta, é preciso compreender os valores necessários ao enfoque dos benefícios do lazer.

O perfil social adotado em atividade de movimento visa criar questionamento dentro do lazer, como mecanismo inseparável do processo trabalho lazer.

## BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo, Moderna, 1986
- FREDMANN, Georges. **Le travail en miettes**. Paris, Galli — mand. 1957.
- **O trabalho em Migalhas**. São Paulo, Perspectiva 1972.
- MARCELLINO, Nelson. **Lazer e Humanização**. São Paulo. Papirus. 1983.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX: Espírito do tempo** 6. ed. Rio de Janeiro. Focense. 1984.

\* O QUE É ISSO “MOTRICIDADE HUMANA”?  
— PALAVRAS NÃO SÃO PALAVRAS...

*Profa. Anna Maria de Albuquerque \*\**

Toda idéia se expressa pela linguagem. São muitas e múltiplas as linguagens humanas. A verbal é apenas uma delas. No entanto, é talvez a mais poderosa, por possibilitar o registro e, portanto, a memória do homem e do Mundo. É esta a linguagem usada pela ciência, pois ciência é discurso. A linguagem científica, portanto, tem sentido e significado, e as palavras utilizadas pelo discurso científico veiculam idéias que pretendem contribuir para a compreensão e explicação da realidade.

O real, diz-nos o paradigma emergente, é dinâmico e sistêmico e a ciência que busca apreendê-lo não tem qualquer compromisso com a tradição, nem com o estabelecido ou institucionalizado. A ciência é a aventura no reino do oculto, do desconhecido, através de teorias novas, que necessitam de um novo discurso, de uma nova forma de expressão.

Tudo isto vem a propósito da mudança de nome do Instituto Superior de Educação Física (ISEF) para Faculdade de Motricidade Humana (FMH). Aos desavisados ou menos atentos pode parecer uma simples mudança de nome. Não se pode, porém, julgar de forma tão apressada e leviana uma mudança institucional. Por trás da alteração deste nome agita-se um processo de investigação que se iniciou há mais de 20 anos naquela casa, e que ganhou expressão filosófica com a síntese teórica realizada pelo prof. doutor Manuel Sérgio (na sua tese de doutoramento) e com trabalhos vários dos professores doutores Melo Barreiros, Vítor da Fonseca, Carlos Neto, Francisco Madeira, Fernando Almada, etc.

Neste trabalho anuncia-se a possibilidade de autonomia científica para esta área, assim como o nascimento de uma nova ciência do homem, a ciência da motricidade humana, que rompe com a Educação Física tradicional, fundamentada no paradigma cartesiano, com profundas raízes anátomo-fisiológicas.

Ora, o profissional que lida com o desporto, com a dança, enfim, com o ser humano em movimento intencional em busca da superação de determinismo endógenos ou exógenos, não pode intitular-se o professor de Educação Física. Esta é uma expressão superada e falsa: superada porque, segundo Edgar Morin — e não só — ninguém é físico pelo seu corpo o corpo humano é muito mais do que músculos, ossos e articulações); e falsa porque o que este profissional realiza é uma tarefa muito mais ampla e digna; ele possibilita o desenvolvimento do Homem, ao mais humano, através da estimulação de novas potencialidades de transcendência, no âmbito essencialmente lúdico. Não se pode designar tal área de conhecimento, de Educação Física, nem esse ator social de professor de Educação Física. Ainda mais, depois de iniciada a teorização específica desta prática específica. A ciência da motricidade humana pretende a compreensão e explicação das condutas motoras do Homem.

Portanto, a Faculdade de Motricidade Humana não é uma instituição velha com um nome novo: é uma casa séria, que apresenta um novo e coerente objeto de estudo, que pretende a construção de uma área científica autônoma, e que anuncia, mais do que uma nova ciência do homem, uma nova mentalidade científica, bem de acordo com o paradigma emergente iniciado com Einstein e a Física Quântica.

Só por isto, já se vê que este processo não pretende apenas essa mudança de nome. Afinal, palavras não são apenas palavras. Palavras novas significam idéias novas, tempos novos.

A crítica é fundamental ao desenvolvimento, mas só pode ser objeto de crítica aquilo que foi, anteriormente, objeto de estudo e reflexão. Caso contrário, estamos contribuindo para a alienação e impedindo a compreensão do processo de desenvolvimento científico.

\* Extraído do Jornal “Diário de Lisboa”. Em 11/11/1989.

\*\* Doutoranda em Motricidade Humana pela Universidade de Lisboa.

## INTRODUÇÃO À PESQUISA PARTICIPANTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Amarílio Ferreira Neto \*

Para Haguette (1987), a pesquisa participante, como um processo de busca de conhecimento que envolve investigação, educação e ação, tem, como técnicas precedentes, a observação participante, a história de vida, a entrevista e a história oral. A autora mencionada aponta que alguns autores acreditam que estas técnicas têm origem na Antropologia de Malinovski e na concepção sociológica da escola de Chicago.

Lovisolo (1987:6) afirma que a pesquisa participante sofre influência marcante do Iluminismo e do Positivismo, além de levantar a hipótese "sui generis" de que "a PP é um conjunto de discursos e práticas "inventadas" por intelectuais, cujos efeitos principais são os de difundirem, nas camadas populares, ideais caros à tradição libertária do Ocidente (...)".

Entretanto, com base na suposição anterior, que insuportável à tradição do Ocidente (América Latina) é a miséria em que vive a maioria da população dessa região. O que está acontecendo de fato é que, tanto a população dessa região, que co-participa do processo de apreender e resolver os problemas de desigualdades sociais impostos pelo capitalismo, como os "intelectuais orgânicos" estão concordando com Marx (1983:80) em que "a miséria não só ensina o homem a rezar: também ensina a pensar e atuar".

A pesquisa participante, atual, predominante, sustenta-se na visão cristã (no sentido de doutrina de Cristo, (não da Igreja Romana) e marxista do homem, da vida e da ação comunitária (Haguette, 1987).

É ponto comum, entre os diversos autores consultados, que a pesquisa participante surge em oposição à visão de ciência positivista (Brandão, 1987; 1988; Ezpeleta e Rockwell, 1936; Silva e Silva, 1986; Hanguette, 1987).

Sendo assim, apresentarei agora alguns conceitos de pesquisa participante, seus pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos, como também as tarefas iniciais, em Educação Física, na abordagem participante. Entendo que, dentro desses aspectos, estão a crítica à pesquisa tradicional e alguns traços do que há de essencial na pesquisa participante.

Quanto aos conceitos, Oliveira e Oliveira (in Brandão, 1988:26) referem-se à pesquisa participante como "uma proposta político-pedagógica que busca realizar uma síntese entre o estudo dos processos de mudança social e envolvimento do pesquisador na dinâmica mesma destes processos. Adotando uma dupla postura de observador crítico e de participante ativo, o objetivo do observador será colocar as ferramentas científicas de que dispõe a serviço do movimento social com que está comprometido.

Fals Borda (in Brandão, 1988:43) vê a pesquisa participante como "... uma pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo (Huynh, 1979), que responde especialmente às necessidades de população, que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios — as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas — levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior". Demo (in Brandão, 1987:126) reproduz uma definição de pesquisa participante expressa por Grossi, por ocasião de um encontro em Montreal em 1977: "É um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes que são oprimidos. Portanto, é uma atividade de pesquisa educacional e orientada para a ação. Em certa medida, a tentativa de PP foi vista como uma abordagem que poderia resolver a tensão contínua entre o processo de geração de conhecimento e o uso deste, conhecimento, entre o mundo "acadêmico" e o "real", entre intelectuais e trabalhadores, entre "ciência" e "vida".

Assim, os elementos enfatizados nas definições citadas, que me parecem relevantes são: a) a realização concomitante da investigação e da ação; b) a participação conjunta de pesquisadores e pesquisados; c) a proposta político-pedagógica a favor dos oprimidos (opção ideológica); e d) o objetivo de mudança ou transformação social.

\* Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Mestre em Educação Física (UGF)

Os três primeiros elementos são consensuais em todas as propostas de pesquisa participante; o quarto, no momento, tem levado a diferentes tipos de prática, porque falar de mudança social e de transformação implica saber o que está sendo transformado e o que nem sempre ocorre. Assim, as críticas destacam que esse tipo de pesquisa se resume à análise da realidade, à identificação dos problemas e à identificação dos problemas e à sua solução. Ocorre que esse tipo de resultados pode trazer efeitos reformistas, conservadores ou até reacionários, por não contribuir para eliminar as estruturas responsáveis pela condição de oprimidos dos pesquisadores (Demo, 1987). Porém, é preciso admitir, e Demo também pensa assim, que o processo histórico de elevar as consciências oprimidas do senso comum a uma "consciência possível", no dizer de Lucács, ou ainda à consciência filosófica", no dizer gramsciano, é lento e árduo, com muitos avanços e recuos, o que requer "paciência histórica" dos envolvidos no processo de transformação social. Desse modo, pode-se evitar a busca de resultados imediatos por pesquisadores desavisados, que, além de fracassarem nos seus projetos, contribuem para que a pesquisa participante, como uma forma válida de ciência comprometida com os despossuídos, seja vista com descrédito por parte daqueles que fazem o mundo acadêmico.

Quanto aos pressupostos teóricos, a pesquisa participante, como vejo, sustenta-se na visão cristã consubstanciada na ação das comunidades eclesiais de base em toda a América Latina e na visão marxista do homem. Assim, naqueles envolvidos com a pesquisa participante, nessa perspectiva, acreditam: 1) que a sociedade se produz ou reproduz a partir das ações históricas (movimentos sociais) dos grupos; 2) no homem como motor da história através de suas lutas; 3) na necessidade de uma "vanguarda" intelectual no desenvolvimento das lutas populares; 4) que a sociologia tem por objetivo não só o conhecimento da realidade social, mas também a mudança social em benefício do homem; 5) na necessidade de abrir espaços para a sociedade civil, invadida pelo Estado; 6) na defesa da democracia; e 7) que a mudança social deva ser provocada (Haguette, 1987:120).

Com relação aos pressupostos epistemológicos, os autores geralmente dirigem seus questionamentos a quatro pontos: 1) ao princípio da neutralidade científica; 2) ao requisito de objetividade na pesquisa científica; 3) ao problema ético da utilização das classes baixas como objeto de estudo; e 4) ao papel do pesquisador como fator de consolidação/transformação da sociedade.

Recorro aqui à perspectiva de Fals Borda para analisar os itens acima, pois este autor tem como pressuposto básico norteador das críticas

a convicções do caráter político da atividade científica.

O princípio da neutralidade científica é combatido da seguinte forma: "... não pode haver valores absolutos no conhecimento científico, porque este irá variar conforme os interesses objetivos das classes promovidas na formação e na acumulação de conhecimentos, ou seja, na sua produção (...) além do mais esta comunidade científica ocidental exerce uma nítida influência sobre a manutenção do status político e econômico que cerca o sistema industrial capitalista dominante. Sob essas condições, evidentemente, a produção de conhecimento nesse nível acha-se orientada para preservação e fortalecimento do sistema" (in Brandão, 1988:44). Nessa assertiva, o autor deixa evidente que não admite a concepção de neutralidade científica, aliás, já quase generalizada nas ciências sociais.

Com relação ao princípio da objetividade, Fals Borda entende que a ausência de neutralidade da ciência leva à falta de objetividade especialmente na escolha de prioridades de seus objetos de pesquisa, como também na deturpação da compreensão da realidade. Nesse momento, segundo o autor, o cientista ativo deve questionar-se: "Qual o tipo de conhecimento que queremos e de que precisamos"? "A que se destina o conhecimento científico e quem dele se beneficia"? Nestes pontos reside o papel político da ciência e o compromisso político do pesquisador.

O terceiro aspecto da crítica à pesquisa tradicional relaciona-se conforme referido, ao problema ético da utilização das classes baixas como objeto de estudo. Nesse sentido, a pesquisa tradicional é vista como um mecanismo de controle das classes dominantes sobre as dominadas. As investigações, de modo geral, analisam, qualificam e programam de fora os oprimidos. Os pesquisadores tradicionais decidem como e quando fazer as investigações, bem como decidem unilateralmente o uso a ser feito dos resultados. Os grupos observados não têm nenhum poder sobre a pesquisa que é feita sobre eles e nunca com eles.

O aspecto que trata do papel do pesquisador como fator de consolidação da sociedade atual traz à tona as questões já comentadas da objetividade e neutralidade da ciência. Nos termos de Haguette (1987:140-1): "a) a ciência social não é detentora de valores absolutos, por ser produzida por homens situados historicamente; logo, seus postulados são tão dinâmicos quanto a própria realidade que ela estuda e explica; b) os cânones do método científico tradicional — neutralidade, objetividade, validade, confiabilidade, poder de generalização dos resultados, comprovação, refutação, etc. não são necessários nem suficientes para definir a scientificidade do método (...) e c) a ação é fonte de conhecimento...".

Ao entender que a ciência tradicional atende

aos interesses dos poderosos, Fals Borda suscita a necessidade de uma "ciência" ou "cultura emergente" ou "subversiva".

Os pressupostos metodológicos variam de acordo com a concepção de pesquisa participante dos autores. Para Fals Borda, por exemplo, autenticidade, compromisso, antidogmatismo, restituição sistemática, retroalimentação para os intelectuais orgânicos, ritmo e equilíbrio entre ação-reflexão, e ciência modesta e técnicas dialogais são os pontos considerados (in Brandão, 1988).

De modo geral, os aspectos considerados na metodologia da pesquisa participante, em coerência com seus pressupostos teóricos e epistemológicos, são seguintes: a) o objeto de pesquisa deve ser definido pela população interessada, considerada "pesquisadora", mediante a assessoria de um ou vários investigadores profissionais, de fora ou de dentro da área, comprometidos com a causa popular; b) caso os pesquisadores profissionais sejam de fora, devem tomar conhecimento da realidade na qual vão trabalhar, através de estudos prévios, dados secundários e entrevistas com as lideranças locais; c) a equipe de pesquisa é composta dos pesquisadores profissionais e da população interessada ou seus representantes; d) o planejamento da pesquisa é elaborado pela equipe mista; e) os objetivos da investigação são definidos pela população interessada, a partir dos temas que são prioritários para ela; f) não existe uma fase de "trabalho de campo" como na pesquisa tradicional, mas uma geração de conhecimento dentro da ação da pesquisa, onde pesquisadores profissionais e população interessada se beneficiam mutuamente da experiência uns dos outros; g) na coleta de dados, pode ser usado o questionário, a observação de diferentes tipos e a entrevista; h) a análise dos dados é feita através de técnicas "dialogais" com a participação de todos; i) utilizar comunicação simples na devolução dos resultados, onde se espera a validação dos dados; j) propostas de ação são definidas em função das necessidades da população; l) a realidade pesquisada deve ser aquela dos grupos oprimidos.

As tarefas iniciais da Educação Física, numa abordagem participante, de acordo com Votre e outro (1987), são: 1) definir os grupos com os quais se pode fazer pesquisa participante (nesse caso, deve-se considerar a autonomia e o poder de decisão dos grupos — o autor sugere os seguintes grupos: "a) professores que atuam em curso de 1º, 2º e 3º graus e que são clientela de cursos de extensão; b) alunos de cursos de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado; e c) alunos de 3º, 2º e 1º graus" (P.5.); 2) determinar temas para estudos como "grau de conhecimento das limitações, imposições, alternativas de transformação e/ou sobrevivência", bem como outros surgidos dos debates do grupo co-participante. Propõe, ain-

da, que se considerem as categorias clássicas como idade, sexo, padrão de residência, etnia, como também opção política, orientação religiosa e atitude face ao movimento.

Finalmente, a pesquisa participante não tem sido utilizada correntemente na área de Educação Física. Ao contrário, dá seus primeiros passos. Não foi e não é ainda prática daqueles que militam nessa área inserir-se na comunidade para conhecer e contribuir para a resolução dos seus problemas. É justamente nesse ponto que reside o valor da utilização da pesquisa participante em Educação Física.

A pesquisa participante em Educação Física deve ser utilizada para descrever o cotidiano das camadas populares, donde emergirá uma nova prática social. Não resta dúvida que há distinção entre o movimento humano socialmente vivido e o modelo de movimento humano preconizado pelas escolas de Educação Física nesse país.

O modelo institucional nós conhecemos, até porque as escolas de Educação Física trataram de legitimá-lo através de estudos de gabinete e laboratório. Diante desse fato e dos problemas dele oriundos, necessitamos sair do campo dos laboratórios e entrar no campo da realidade para descrever e interpretar, em conjunto com as classes populares, o movimento humano socialmente vivido. Para Fals Borda (in Brandão, 1988:60), essa é uma das funções básicas da pesquisa participante. Diz o autor: "A potencialidade da pesquisa participante está precisamente no seu deslocamento proposital das Universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descenderem das torres de marfim e a sujeitarem-se ao julgo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos" O exposto é uma necessidade urgente da área de Educação Física.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a pesquisa participante. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- .Pesquisa participante. 7ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. Pesquisa participante. São Paulo, Cortez, 1986.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis, Vozes, 1987.

LOVISOLO, Hugo. Pesquisa participante: comentários sobre seus efeitos. Campinas, Unicamp, 1987. Mimeografado.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Textos sobre educação e ensino. São Paulo, Moraes, 1983.

SILVA e SILVA, Maria Ozanira de. Refletindo a pesquisa participante. São Paulo, Cortez, 1986.

VOTRE, Sebastião Josué e outros. Pesquisa participante: uma proposta de ação em educação física. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1987. Mimeografado.

## EM BUSCA DE UM CORPO POÉTICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

*John Kennedy Azevedo Souza \**

A Educação é um meio pelo qual o indivíduo desenvolve potencialidades biopsíquicas inatas, mas que não atingiram o seu desenvolvimento sem a aprendizagem dessa educação. Falando de maneira específica, da Educação Física, sentimos que é necessário que os profissionais dessa área devam fazer uma reciclagem dos conteúdos teóricos para que a prática esportiva seja dinâmica e que a relação ensino-aprendizagem seja progressista e consciente, visando atender aos interesses de todas as camadas sociais. Como a educação física desenvolve uma prática relacionada com o corpo, faremos uma abordagem sintetizada a partir dos nossos conhecimentos. Partindo daí, iremos fazer alguns questionamentos: Todo professor de educação física tem que ter o corpo dentro do modelo-padrão? Até que ponto o corpo do professor pode influenciar na sua prática pedagógica? Por que ao invés de corpos rígidos e precisos, visualizarmos, então, a poesia do corpo, que fala constantemente em todas as situações da vida com mais significativas palavras? As palavras do corpo

traduzidas em poesia, tornam-se movimentadas e vanguardistas? É preciso lembrar que o homem não é só matéria (corpo), existe também o espírito, que, em sua essência, é o próprio corpo... Lógico que, quando o espírito está perturbado, irá refletir de imediato na aparência, no visível, muito embora, segundo Saint Exupéry <sup>(1)</sup> o essencial é invisível aos olhos. Aparência esta que nem sempre irá dizer o valor didático-pedagógico do professor e, por outro lado, não mede a sua capacidade criadora, pois a força maior de qualquer ser humano se resumirá na sua forma de pensar, descobrir e vivenciar. Para isso, estes profissionais precisam estar atualizados para descobrir formas novas e redescobrir, também, antigas e novas formas de atualizar o seu saber (conhecimento) e de torná-lo orgânico. A educação, em qualquer área, deve ser ciência de transformação social. Portanto, não basta falar, não basta ouvir, é preciso experimentar no nosso dia-a-dia, uma prática pedagógica que desperte no educando, uma consciência crítica para transformar a sociedade, a partir de uma consciência corporal, com poesia...

\* Poeta, escritor e Professor do 2º grau da rede estadual de ensino.

(1) SAINT EXUPÉRY: autor do best-seller "O Pequeno Príncipe".

## EM BUSCA DO PRAZER

Vânia Baroni Jones \*

Nada mais intenso do que o vaivém das pessoas nas ruas, no trânsito, no centro das cidades, onde, através de suas expressões, movimentos e comportamentos, podemos arriscar-nos a traçar alguns perfis inconfundíveis no meio da multidão.

Os anos 80 foram marcados pelo "boom" das academias de ginástica, onde uma parte da população economicamente privilegiada corria em busca de um corpo belo e saudável, que ainda hoje sufoca e massacra aqueles que não o têm. Convivendo lado a lado com este corpo "escultural" estão presentes também aqueles que, em troca de um prato de comida e/ou teto para morar, vendem seus corpos.

É o país dos contrastes...

São dois corpos distintos de uma mesma sociedade trabalhados em profundidade, ora pela beleza, ora pela necessidade de sobreviver. Estas duas classes representam bem o que é viver em uma sociedade dividida, segundo o eixo horizontal do poder, entre dominantes e dominados, que desarticula e recompõe os corpos para que não façam o que querem mas para que façam o que o sistema quer, que nada mais é do que o lucro de alguns e a alienação de todos.

O corpo tornou-se, nestes últimos anos, alguma "coisa" que se fabrica e se comercializa. Poderíamos, ainda, traçar mais perfis de nossa população para uma análise mais abrangente da realidade, mas o objetivo deste ensaio não é o de diagnosticar os diversos tipos de corpos, e sim entendê-los em sua totalidade humana e histórica.

Para compreendermos melhor as contradições da nossa sociedade (de classes) é preciso refletir sobre a questão do corpo do qual estamos falando, que é o próprio homem, e não com uma visão cartesiana entre corpo e mente. Este homem traz em seu corpo as marcas das relações sociais que estabelece.

No momento o mundo inteiro clama por mudanças, e para superarmos esta visão de corpo, como objeto de consumo, precisamos desmistificar certos "modelos" de corpos propostos por uma ideologia dominante que nos impõe como ideal um corpo descontextualizado que não reflete a nossa realidade social.

E se quisermos avançar ainda mais na nossa visão de corpo, é necessário desconfiarmos de quem e de como as coisas nos são impostas, com o objetivo de perpetuar esta estrutura social perversa que se contrapõe às condições objetivas e concretas de luta pelas transformações sociais. Mas se quisermos mesmo caminhar em direção à visão revolucionária do corpo precisamos questionar e discutir as questões sociais que permeiam o corpo que se "vende" para sobreviver. Este sim é o retrato da nossa realidade social concreta. Este discurso do corpo belo e saudável é uma mentira, pois não há como concretizá-lo, porque não existem condições de vida adequadas para todos. É preciso entender primeiro porque os homens se dividem em classes hierarquizadas.

Adeus à era da modernidade, pois agora vivemos a pós-modernidade, onde os homens não estão mais preocupados com as grandes questões, como a fome, a saúde e outras tantas, mas essencialmente simpáticos às causas ecológicas. O individualismo impera em sua forma mais aguda, onde o olhar perdeu, talvez, sua função principal, de se comunicar com o outro, e onde o toque se restringiu a um aperto de mão, chegando-se ao absurdo de se criar institutos especializados para que os corpos reaprendam a se tocar. E como fica nesse emaranhado todo o corpo que tem prazer, o corpo livre para satisfazer seus desejos? De uma coisa eu tenho certeza: não vai ser a partir da exaltação do individualismo que vamos conseguir libertar o nosso corpo. Este corpo só existe e se concretiza através das relações que estabelece com os outros, com a natureza e com o mundo, enfim.

Tanto o corpo fabricado quanto o corpo comercializado traduzem um processo lento de suicídio do corpo, onde, talvez, o fascínio seja apenas o vazio, onde não há lugar para sedução, emoção ou prazer. Nada é mais terrível do que um corpo que se realiza, na melhor das hipóteses, na banalidade de seus gestos estereotipados jamais entendidos como mensageiros do prazer ou da cultura, mas apenas como parte de um cenário social de muitos contrastes e injustiças, onde o homem não se espanta com mais nada. Corpos que chegam

\* Profa. da Universidade Federal de Juiz de Fora  
Mestranda da Universidade Gama Filho

à exaustão, que se esforçam ao máximo para, ao final de um dia, conseguir apenas dizer: eu "consegui", eu "venci". Mas eu quero mais, eu quero lembrar Cazuzu, quando diz que "O tempo não pára" e que nesse tempo eu:

"Aprendi que se depende sempre de tanta muita diferente gente toda a pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas."  
(GONZAGUINHA)

## RESUMO

O presente artigo constitui-se de uma reflexão sobre os aspectos sócio-políticos que envolvem as relações do corpo com os outros e com o mundo; baseado em contribuições de estudos e leituras, intercalado por observações práticas de aspectos do cotidiano da nossa realidade social.

Sua intenção é de contribuir para uma compreensão maior de como o corpo se constitui nas relações sociais.

Justifica-se, principalmente, pelo momento, histórico e político que o mundo está vivendo, como também, pelo desenvolvimento de uma visão de corpo que avance em direção à transformações autênticas compatíveis com a nossa realidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo, **Crise e Poder**, São Paulo, Editora Cortez, Coleção Polêmicas do nosso Tempo, 1986, 35 p.
- BAUDRILLARD, Jean, **América**, Rio de Janeiro, Editora Vozes, Trad. Álvaro Cabral, 1988, 106 p.
- BRAMELD, Theodore, **O Poder da Educação**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, Trad. Deny Felix Fonseca, 1972, 158 p.
- FERREIRA, Dos Santos Jair, **O Que é Pós-Moderno**, São Paulo, Editora Brasiliense S. A., Coleção Primeiros Passos nº 165, 1987, 111 p.
- FOUCALT, Michel, **Vigiar e Punir**, Petrópolis, Editora Vozes, Trad. Ligia M. Pondi Vassallo, 1988, 277 p.
- MEDINA, João Paulo S., **A Educação Física Cuida do Corpo... e "mente"**, Campinas, Papirus Livraria e Editora, 1987, 96 p.
- , **O Brasileiro e seu Corpo**, Campinas Papirus Livraria e Editora, 1987, 135 p.
- SANTIN, Silvino, **Educação Física = uma abordagem filosófica da corporeidade**, Ijuí, Unijui Livraria e editora, 1987m 125 p.
- SODRÉ, Nelson Werneck, **Síntese da História da Cultura Brasileira**, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A., 1988, 135 p.
- VÁRIOS AUTORES, **Conversando Sobre o Corpo**, Campinas, Papirus Livraria e Editora, org. He-loisa Turini Bruhns, 1986, 107 p.

## \*TURISMO CIENTÍFICO

O Turismo científico foi idealizado pela professora Kátia Brandão Cavalcanti, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e objetiva fortalecer o intercâmbio científico-cultural entre as universidades nordestinas e demais instituições científicas da região. Além disso, contribuir para a socialização do pensamento e da produção científica, superando, desta forma, a miséria científico-pedagógica através de uma permanente "movimentação" da comunidade científica nordestina. Tal experiência já foi iniciada em julho passado, na cidade de Maceió, quando, na oportunidade, o Grupo Contribuição, de Sergipe, participou, junto com o

professor Maurício Roberto da Silva, do Curso Pedagogia do Movimento, Jogo e Esporte, ministrado por este último e com "espaço" cedido para apresentação das produções científicas do Contribuição à comunidade universitária das Alagoas. O projeto científico terá como incentivadora a revista Motrivivência e promete vingar, pois, além do aspecto científico, tais "visitas" objetivam também o estreitamento das relações afetivas, além de contar com vasta programação cultural. Enfim, o Turismo científico veio ficar e marcar um passo alternativo na construção das ciências em nossa região.

\* Os professores e estudantes interessados devem escrever para a redação da revista: Departamento de Educação Física da U.F.S — Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos — Jardim Rosa Elze — São Cristóvão — CEP. 49.000 — Sergipe.

## A RECREAÇÃO NO 3º GRAU E O ENSINO PARTICIPATIVO

Márcia Chaves Valente \*  
Edison Francisco Valente \*

Partindo de uma pesquisa com base em um estudo sobre o sistema de ensino participativo, também denominado por Reiner Hildebrandt de "Ensino Aberto", realizada junto a acadêmicos, mais especificamente na disciplina Recreação, da Universidade Federal de Alagoas, apresentamos o tema: "Abordagem metodológica da Recreação no 3º grau".

A metodologia adotada neste trabalho, resume-se em um estudo de caso realizado juntamente com os alunos da disciplina Recreação do curso de Educação Física da UFAL, no qual foi observada teórica e praticamente, a viabilidade, ou não, da aplicação da proposta feita por Reiner Hildebrandt em seu livro "Concepções Abertas no Ensino de Educação Física", no curso de graduação em Educação Física no 3º grau.

Considerando-se que:

- Há algum tempo a Recreação vem sendo conceituada como simples atividade de brinquinhos e brincadeiras infantis, sem definição de um corpo científico de conhecimento;
- A transmissão de informação das disciplinas prático-teóricas não tem preenchido a real necessidade do processo de ensino-aprendizagem, entre o corpo docente e discente, pelo fato de ainda predominar uma forte influência, junto a esses, de uma metodologia altamente tradicionalista;
- A modificação da metodologia utilizada nos cursos de Educação Física é uma necessidade premente em busca de novos conhecimentos, no entanto, sente-se uma dificuldade muito grande, por parte dos indivíduos, para que haja esta modificação de comportamento;
- Há necessidade de libertação, por parte dos professores e alunos, dos métodos tradicionais em busca de uma metodologia mais democrática, criativa, onde haja uma participação ampla e com um comprometimento de todos para o seu desenvolvimento;
- É importante que essa experiência vivenciada na UFAL, através da disciplina Recrea-

ção, seja estendida para as demais disciplinas do curso, bem como por outras Universidades, tendo em vista a aquisição de dados mais concretos sobre esse estilo de ensino participativo, como também sobre a importância da Recreação na formação do profissional de Educação Física;

— O excesso de tecnicismo tradicional tem levado a Educação Física a afastar-se de seus objetivos, ou seja, a formação do homem, de acordo com todas as suas características biopsicossociais com base nos seus movimentos;

— O esporte, competição passou a ser encarado como sendo sua atividade principal: o gesto técnico, com vistas a uma produção, é observado detalhadamente, e o ganhar a todo custo e de qualquer maneira passou a ser sua palavra de ordem, enquanto que o indivíduo transformou-se em seu simples objeto de ação;

— Não se pode mais admitir, nos cursos superiores, principalmente no cursos de Educação Física, quando forem tratados conteúdos relativos ao lazer, que não sejam abordados assuntos pertinentes à sociedade, à cultura de um modo geral, ao saber popular e aos problemas políticos e ideológicos,

É importante a disciplina Recreação no terceiro grau, pois, "se hoje buscamos autonomia, liberdade, responsabilidade e comprometimento do homem, enquanto ser social, é porque o consideramos capaz de contribuir, efetivamente, para a melhoria do nível de vida de nossa sociedade". (TAFFAREL, 1985). Com o ensino participativo colocado em prática na UFAL, observou-se que aluno e professor assumiram um papel muito mais abrangente, com base em um processo de interdisciplinariedade e em busca de conhecimentos teórico-práticos. Os alunos, por sua vez, "assumiram um papel muito mais ativo no processo ensino-aprendizagem, criando, imaginando, criticando, decidindo (...) onde o professor é o organizador, com eles, das atividades produtivas de aprendizagem, enfatizando o

\* Professores do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas

pensamento que conduz à solução criativa de problemas”, dentro de um nível dialético de conhecimento e reconhecimento, de criação e recriação. Outro detalhe importante, no ensino Participativo, é que o conteúdo é desenvolvido de acordo com os interesses e necessidades dos educandos e dos professores, partindo-se dos objetivos que o grupo deseja atingir.

Segundo Reiner Hildebrandt, a preparação dos conteúdos, entre outros, deve passar pela seguinte metodologia:

- a) Questionamento, pelos participantes, sobre a importância dos conteúdos em confronto com a realidade social;
- b) Compreensão mais ampla dos conteúdos, separando-se a predeterminação de que estes são “IMUTÁVEIS”.
- c) Concretização da prática desses conteúdos, de forma estimulante e participativa.

Pelo fato de nos encontramos realizando esse estudo em uma instituição formal, muitos entraves foram encontrados, mas, no entanto, vale a pena ser colocada em prática a metodologia adotada nesse “Estilo Participativo”, isto porque:

- a) há uma modificação da metodologia tradicional, proporcionando estímulo ao surgimento do método criativo, onde o professor se utiliza de atitudes que visam facilitar o aprendizado, e o aluno, através de uma participação ativa e consciente, procura colocar em prática toda a sua criatividade;
- b) há o aproveitamento de todos os meios didático-pedagógicos de formação, levando-se em consideração a própria aula, que poderá ter uma abrangência bem maior, ou seja: o melhor aproveitamento dos recursos materiais e dos espaços existentes; a possibilidade de modificações das “regras do jogo”, com relação aos conteúdos, apesar da existência de uma emenda predeterminada, e, enfim, a liberdade de decisão e participação intrínseca em todos os seus momentos por parte daqueles que o executam.

Outro fator importante no “Ensino Participativo” é que o relacionamento professor-aluno é fundamental e deverá estar voltado para uma educação transformadora e não — diretiva, em busca de meios que não impeçam ao professor de colocar-se a serviço do aluno, sem impor suas concepções e idéias, como um orientador mais experiente do grupo, que procura, dialeticamente, manter um relacionamento homogêneo com seus alunos, trocando experiências e refletindo, com eles, em busca das possíveis soluções para os problemas inerentes ao grupo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLARAI, Roberto. **Educação Formal e Educação Não Formal. Momento de Síntese**. 3. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1984.
- CARMO, Apolônio Abadio do. **Educação Física: competência técnica e consciência política** em busca de um movimento simétrico. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- GAEZLER, Lenea. **Ensaio à liberdade: uma introdução ao estudo da educação pra o tempo livre**. D.C. ed. Luzzatto, 1985.
- HILDEBRANDT, Reiner & LAGING, Ralf E. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro. Ao livro técnico 1986.
- MORO, Luiz Roque. **Redimensionando a Recreação em Educação Física**. Rio de Janeiro. Comunidade Esportiva. nov/dez, 1986.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro, Ao livro técnico, 1985.
- VALENTE, Marcia C. **Abordagem metodológica da recreação no 3º grau**. Monografia apresentada na UFPe, como pré-requisito para conclusão do curso de pós-graduação, a nível de especialização em Educação Física Não Formal. Recife-Pe. 1987.

## O ESPORTE NA TELEVISÃO — O PODER DA MENSAGEM VAZIA

Renato Miranda \*

O esporte passou a ser assunto em qualquer parte do mundo, de uma maneira efetiva, quando surgiu seu maior instrumento de divulgação (que mais tarde tornou-se recíproco), a Televisão. Começa, então, uma estreita e harmoniosa relação, onde as atividades se completam, num jogo de interesses quase que sem fim. É como o Rádio e o Jornal: não dependem do esporte para existir e nem vice-versa, mas estão a tal ponto vinculados a interesses comuns, de ordem principalmente econômica e/ou doutrinária, que se tornam mutuamente importantes para o êxito de suas últimas finalidades (Freitas 1985). Com a televisão se passa o mesmo onde deixou de ser um meio para ser um fim.

Baseado nos conceitos de Sampalo, que nos diz que o esporte na Televisão deve ser analisado em três pontos — a imagem, o conteúdo da mensagem e a emoção produzida, otimiza-se a intenção de aumentar o campo de discussão e reflexão sobre o assunto.

Numa Sociedade Capitalista, como a nossa, o componente econômico é fator primordial aos intentos dominadores do esporte, onde toda intenção de domínio tem no esporte um instrumento eficaz e na televisão um "Dinamo" incansável de reprodução de ideologia, que atinge um alvo fácil, impotente e ávido de emoção, e, sobretudo, não participativo: o telespectador. O resultado final deste "JOGO" não poderia ser melhor para seus protagonistas (ESPORTE-TELEVISÃO): Lucro, muito, muito lucro para ambas as partes, tomando esta relação poderosa e rentável.

Nota-se claramente que, a cada evento esportivo transmitido pela televisão, o assistente não se atreve a raciocinar, interpretar o lance que viu, aguardando a palavra do narrador, como se, numa fração de segundo, desse um branco na sua mente e, ao mesmo tempo, tenha a sensação de estar participando ativamente daquele momento, resgatando por alguns instantes a individualidade pelo mundo real (LAZARFELD, 1978). Para compreendermos ainda melhor a citação de Lazarsfeld, poder-se-ia citar o fato de que, até pouco tempo atrás, numa participação qualquer de futebol,

transmitida pela Rede Globo de Televisão, num lance duvidoso ocorrido, os telespectadores aguardavam ansiosos a opinião do locutor como "A PALAVRA FINAL", em seguida surgia dos alto-falantes dos televisores um "EU ACHO" que passou a ser marca registrada de todo comentarista televisivo. Esta contundência cansou e irritou muita gente, até que o "MARKETING GLOBAL" descobriu o computador e criou o "TIRA-TEIMA", deixando a opinião dos telespectadores mais impotente e o comentarista, um coadjuvante da dúvida dos lances capitais de um jogo.

### O PODER PRECISA DE AUDIÊNCIA

Para se ter poder, é preciso dinheiro; para ter dinheiro, a televisão precisa de anunciantes e ter motivação para anunciar; é necessário mostrar audiência; e, finalmente, para ter audiência, a televisão não poderá prescindir de um bom programa esportivo. Na medida em que o esporte foi ganhando e aumentando adeptos por todo o mundo, a televisão levou o "MARKETING EMPRESARIAL" a vislumbrar uma nova fonte de lucros, ao mesmo tempo em que passava a ter nas mãos mais um instrumento de manipulação das massas.

Mas, por que o esporte? Para esta pergunta cita-se o pensamento de Freitas, que nos diz:

"É a pergunta que vem sendo colocada na pauta de discussão de cientistas sociais em todo mundo, sem que até agora se tenha chegado a conclusões definitivas a respeito do fenômeno..."

Pode-se citar, ainda, o sociólogo francês GEORGE MAGNANE, onde pra ele a concepção de que o esporte, por se tratar basicamente de competição, oferece as pessoas um "meio ilícito de reagir a fascinação da violência" que está presente em nossa vida cotidiana. Talvez isto explique os milhões de dólares, as coberturas e o grande respaldo publicitário que o Boxe Profissional recebe

\* Mestrando em Educação Física — Universidade Gama Filho.

com freqüência, invadindo vários lares brasileiros, que na maioria das vezes repudia a transmissão, mas não deixam de assistir.

A televisão sabe que o interessante é a motivação para a competição (não importa qual) e é por isso que joga a todo instante com esse aspecto de contenda que, vez por outra, gera distorções de conseqüências desastrosas quando estímulo a competição se dá em excesso (Freitas, 1985).

Retratando esta análise basta citar o exemplo da TV Bandeirantes, através de seu programa "SHOW DO ESPORTE", que vai ao ar todos os domingos, com uma duração que ultrapassa oito horas. Logo que o programa foi lançado notava-se uma verdadeira caça a qualquer evento esportivo que despertasse anunciantes, onde transmissões — ao vivo — iam do futebol até ao monótono jogo de sinuca. Hoje, se algum esporte desconhecido pelo público encontra alguém interessado em divulgá-lo através da televisão, mais precisamente do "SHOW DO ESPORTE", terá que pagar um valor, no mínimo, absurdo.

Analisando, ainda, o mesmo programa, quando foi introduzido pela TV Bandeirantes, o telespectador era atraído pelos inúmeros eventos de vários esportes, garantindo uma audiência respeitada e ao mesmo tempo tentadora. Hoje, o telespectador é obrigado, passivamente, a aturar infinitos reclames comerciais, e mais ainda, anúncios transmitidos ao vivo, deixando o assistente irritado e cansado de "ESPERAR" pelas imagens esportivas.

Outra situação constrangedora é o programa da TV GLOBO — O GLOBO ESPORTE — que vai ao ar de segunda a sábado, no estratégico horário do almoço.

O programa é recortado por comentários inexpressivos, onde o único esporte existente no mundo, parece ser o futebol, segundo o programa. E as "imagens esportivas" ficam reduzidas ao máximo, em função do grande espaço "adquirido" pelos anunciantes.

Hoje, os programas esportivos são tão autônomos e concorridos que parecem ser totalmente independentes, ou seja, uma televisão dentro da outra. O dinheiro dos anunciantes gerou muito poder, facilitando todo tipo de intenção. O esporte é, sem dúvida um "mobilizador" de um grande contingente humano em torno de uma causa comum: A vitória. Disso se aproveita a imprensa especializada, para desempenhar seu papel crítico do sistema. Repensando Freitas pode-se dizer que tanto isso é verdade que, ao escutarmos um comentário na televisão, temos a nítida impressão de que a análise está sendo feita por teórico, um estudioso profundo do assunto, quando são simplesmente ex-jogadores, jornalistas, apresentadores, que as fazem sem que, para isso, tenham a preocupação de estudar o que estão falando. São redundantes,

cansativos, mas mantêm a audiência e isto é o que importa.

## APRESENTADORES E COMENTARISTAS, O RETRATO DO DESCONHECIDO

Sem dúvida, a técnica televisiva em relação à imagem está bem avançada; todo evento esportivo é recheado de "tomadas" de diferentes ângulos e velocidade, na tentativa de passar o máximo de emoção possível ao telespectador garantindo sua presença em frente ao aparelho.

Mas o maior sofrimento do telespectador esportivo está ao escutar a voz dos locutores E/OU comentaristas que, somado à inclusão de comerciais, faz das transmissões esportivas um motivo para as pessoas não prestigiarem ou desgostarem do esporte. É necessário muita paciência, e aquela pessoa que não tem uma atração natural pelo esporte, simplesmente se afasta e, logicamente, passa a desprezar o real valor do esporte.

A locução é realizada através de uma linguagem redundante e adjetiva, da exaltação e serve para as imagens mostradas (Sampaio, 1985), onde a criatividade e o conhecimento do que se está mostrando, confunde e irrita qualquer telespectador de bom senso. Na última "rodada" da Copa União de Futebol, competição do calendário da Confederação Brasileira de Futebol, no dia 17 de dezembro de 1988, jogavam, no Maracanã, Flamengo x Atlético Mineiro. Logo nos primeiros minutos da partida, o comentarista da Rede Globo de Televisão dizia que a equipe do Atlético Mineiro era mais estruturada que se adversário, e era nítido que saberia a hora de atacar. No momento em que o Flamengo realizou seu primeiro gol, como se num passe de mágica, o mesmo locutor "ACHAVA" a equipe do Atlético Mineiro desorganizada e covarde pois apenas se defendia.

Outro fato marcante aconteceu na última Olimpíada, onde nossa equipe de basquete, e principalmente o técnico, Ari Vidal, eram citados como responsáveis pelo reerguimento do basquete brasileiro, graças à combinação do talento dos jogadores e ao ímpeto da tática ofensiva adotada. Na medida em que o Brasil perdeu sua primeira partida, o comentarista da TV Bandeirantes e os locutores, começaram a "maltratar" o técnico Ari Vidal, repetindo várias vezes que o motivo das nossas derrotas era a falha no esquema defensivo e a preocupação excessiva de atacar. O episódio chegou ao ponto máximo quando o técnico Ari Vidal já irritado com as repetidas críticas de um repórter, sem fundamentação teórica, perguntou: "O que é que você entende por tática defensiva no basquetebol?"

Um outro momento é a análise das transmis-

sões, em cadeia com a televisão norte-americana, da TV Bandeirantes, nas competições de futebol americano, versões profissional (SUPERBALL) e universitário (ORANGEBALL), quando então o telespectador brasileiro é obrigado a assistir um espetáculo esportivo por mais de duas horas. Caracterizando uma situação hilariante, nem sequer as regras do jogo são capazes de serem passadas ao público, num total desconhecimento de um esporte que não tem nada a ver com nosso povo. Numa dessas transmissões, após uma irregularidade qualquer na partida, houve a interrupção. O locutor, seguido do silêncio que acusa sua ignorância às regras do jogo, pediu para que o repórter ao lado fosse até a cabine da televisão americana para que alguém resolvesse o problema criado. Com isso o telespectador brasileiro teve de aguardar "infinitos" minutos para entender um lance que naquele momento já pertencia ao passado.

Outra questão a discutir é sobre o óbvio, que é o elemento primordial das transmissões esportivas, como observa-se na citação de Sampaio (1986).

"...a tevê mostra, o narrador informa e o telespectador vê...e o comentarista faz considerações sobre a mesma coisa (Imagem/fato)... Os repórteres de campo, com uma falta de criatividade ímpar, aliada ao discurso repetitivo (nulo) dos nossos craques e ases, por exemplo, produzem flashes sempre rotineiros e que não podem ser avaliados em termos informacionais. São sempre as mesmas perguntas para as mesmas respostas."

Como se vê, os programas esportivos atuais, talvez com um mínimo de exceção, deixam de ser jornalísticos na acepção do termo, apenas repetem informações conhecidas. Nossos comentaristas são verdadeiros legitimadores do óbvio (Sampaio 1985). É impressionante como nossos comentaristas, em muitas situações ex-técnicos e os ex-atletas, embaçados na "achologia" e na obviedade ficam na condição de terem o poder da última palavra, negligenciando o respeito que deveria ter para com os telespectadores. Basta voltar um pouco no tempo e lembrarmos de um locutor da TV Globo, que transmite jogos de futebol, basquete e fórmula 1 na mesma maneira, inclusive seus comentários "técnicos".

Numa dessas transmissões, ao entrevistarem o piloto de fórmula 1, Nelson Piquet, o locutor ficou indignado com a rispidez da resposta do piloto, afirmando que, na Europa, o piloto, mesmo sendo seco, tratava a imprensa com mais delicadeza e senso de humor. Mais tarde, o piloto foi questionado pelo fato ocorrido. Nelson Piquet, então, respondeu: "É que na Europa os repórteres entendem de fórmula 1. Chego ao Brasil sou rodea-

do de repórteres, que, salvo algumas exceções, não entendem "xongas" de fórmula 1".

E o telespectador continua "imóvel" tendo de engolir, sem direito a digestão, dando a impressão que a televisão é a única a ter o "conhecimento" ou a única que enxerga. Segundo Sampaio, a televisão pretende ocupar todos os sentidos dos telespectadores. Ao mesmo tempo que tomadas de vários ângulos preenchem o campo visual, a voz do locutor e comentarista completam o som, num processo rápido que não deixa espaço ou tempo para o telespectador fazer suas próprias análises sobre o esporte transmitido, é o monopólio do discurso.

## É PRECISO SABER PORQUE

Nossos programas esportivos são mais do que simplesmente cansativos, são alienantes. No sentido de que o telespectador torna-se um teleguiado, quase um "bobo" (Sampaio, 1985), não permitindo que o público conheça o esporte na sua forma mais ampla, seu lado bom, ruim, suas diferenças, enfim a televisão tem que oportunizar o conhecimento e não "aperfeiçoar o desconhecimento e a mesmice".

Na Olimpíada de Seul, mais uma vez, houve esportes tão belos e tão representativos como o futebol e o vôlei, e que também ganham medalha e nossa televisão não mostrou, não informou, não incentivou em nada, e ganhamos menos ainda, e seus próprios locutores e comentaristas persistem em dizer: "Mas por que TÃO POUCAS MEDALHAS?". Ora, não precisamos de medalhas. Antes é preciso aprender; e para aprender é preciso ver, e para ver tem que mostrar e informar. Este papel a televisão não cumpre. A televisão está tornando o telespectador obcecado por um número muito pequeno. Com isso, ele perde a oportunidade de ampliar sua experiência esportiva e a capacidade de ser contestador.

A televisão estacionou a "imagem esportiva". Estamos restritos a poucas imagens de alguns esportes privilegiados e, com isso, continuamos a atrofiar nossa cultura esportiva. O que a televisão vai mostrar, o que os locutores vão dizer, que os comentaristas vão opinar, todos nós já sabemos. Eles fazem o mesmo sempre que invadem nossas casas.

É preciso mudar. A televisão tem que criar, imaginar medidas que sejam transformadas. O povo tem o direito de ficar informado realmente. Precisamos conhecer melhor a significância de um esporte, de uma competição, e, para isso, é eminentemente importante que os responsáveis pelas seleções de programas esportivos saibam descobrir qual a melhor escolha e que locutores e comentaristas

conheçam o que estão transmitindo e/ou comentando. Talvez este fosse um bom começo, na medida em que o papel da televisão é divulgar o esporte de uma maneira verdadeira e ampla detectando e despertando sua importância na consolidação do ser social, trabalhando realmente a serviço da maioria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3 ed. Rio de Janeiro, Graol, 1972.

FREITAS, Lauro filho. A cobertura esportiva no rádio e no jornal, in *ESPORTE E PODER*, Petrópolis, Vozes, 1985.

SAMPAIO, Nadja. O esporte na televisão, in *ESPORTE E PODER*. Petrópolis, Vozes, 1985.



## A IMPORTÂNCIA DO ALONGAMENTO

Nowal Cruz \*

**Corpo quieto... corpo tenso****Corpo quieto... corpo duro****Corpo quieto... corpo compulsivo****Corpo quieto... corpo repressivo****Corpo quieto... corpo patrulhador****Corpo quieto... corpo policialesco****Corpo quieto... corpo fechado****Corpo quieto... corpo retesado****Corpo quieto... corpo agressor****Pense... fale****Alongue-se...****Flexione-se...****Corra... corra... corra...****E... relaxe****T R A N S F O R M E - S E.**

Sempre tomo como exemplo, para caracterizar as relações de equilíbrio corporal, as crianças e os bichos, em suas plenitudes de movimento, pois, no segmento animal, são os que estão mais equilibrados, e ainda não entraram no processo de deformação corporal, seja pela aquisição (incorporação) de conceitos formais impostos pela ideologia dominante, ou pela "domesticação", no caso dos animais. Então, observando esses animais (crianças e bichos), vimos que os mesmos após estarem um certo tempo descansando ou dormindo, quando levantam, naturalmente se espreguiçam (alongam), logicamente, para entrarem em outra atividade (correr, andar, saltar, comer, brincar, etc). Diante do exposto e levando em consideração que a ciência do esporte rotulou o futebol, a corrida, o basquetebol, o volley, a natação, a capoeira etc. como modalidades desportivas, ou seja, atividades corporais, acho de primordial importância a prática do alongamento, antes do tradicional aquecimento.

Podemos ilustrar com o seguinte exemplo: no famoso e tão querido "baba", o praticante ("atleta"), chega no local da atividade (via ônibus ou carro, e não correndo ou andando), ou após uma ou duas horas, sentado numa mesa, tomando o tradicional chopp ou a famosa cervejinha, calça o tênis, desloca-se para a quadra ou campo e "aquece", batendo bola para o gol. Ora, nota-se,

nesse momento (no momento do chute), uma dinâmica muscular de alta intensidade, o que contraria a dinâmica dos animais, que entram em movimento de alta intensidade através dos alongamentos naturais.

Esses alongamentos devem ser feitos sem insistência, sem repetição, permanecendo numa determinada posição por um período de mais ou menos 10 a 20 segundos, ou, contando até 10/20 e, na medida do possível, ir aumentando esse tempo nas diversas posições, envolvendo TODO o corpo.

O grifo (TODO) foi proposital, pois a ciência do esporte, influenciada pela divisão do conhecimento (filosofia aristotélica-platônica-cartesiana), dividiu o corpo. As modalidades e, conseqüentemente, os alongamentos específicos (e sou contra a especificidade do alongamento direcionado para uma determinada modalidade), vão determinar a perda da vitalidade das crianças e dos bichos no praticante "atleta".

Com a experiência (vivência) de mais de 15 (quinze) anos de prática desportiva, afirmo que as famosas contusões (entorses, distensões, dores musculares, etc.) serão menos freqüentes e, num estágio mais elevado (com mais tempo de prática), desaparecerão.

\* Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Salvador.

## O CORPO É A MORADA DO SER E O ESPAÇO É O CORPO DO HOMEM

*Profa. Maria das Dores Costa C. G. Moreno \**

O corpo humano condiciona nossa experiência de espaço, pois é através dos órgãos sensoriais do nosso corpo e da organização de nossa percepção que construímos nosso espaço e nossa mobilidade especial.

Nosso corpo constitui-se em termos de manutenção de seu espaço vital e qualquer transgressão dos limites desse espaço ameaça o ser, acarretando dores e sofrimentos.

Determinando o espaço interno, o corpo funciona também como agente comunicador entre o espaço interno e o espaço externo.

É nessa comunicação entre o espaço interno e o espaço externo que esse corpo coarctado ou expandido desvela o ser que aí existe.

O ser existe aí em relação com três aspectos de mundo que caracterizam sua existência: *unwelt* — o mundo biológico; *mitwelt* — o mundo das interrelações com as pessoas e *eigenwelt* — o mundo próprio.

As relações do ser com o mundo, leva-o a manifestar diferentes modalidades de experiências espaciais.

A fenomenologia e o existencialismo destacam o "espaço orientado" como forma de espacialidade comumente mais experimentada pelo indivíduo, onde cada dimensão espacial tem significado diferente e específico.

Assim, o corpo empenha-se em explorar, conservar, conquistar, defender, delimitar, utilizar seu espaço vital. Uns conformam-se com espaços reduzidos, estreitos, outros expandem-se e ampliam seu espaço vital, Uns mudam de lugar constantemente e correm mundo, outros criam raízes e se fixam em um lugar por toda a vida.

O corpo reflete, por conseguinte, o significado de sua experiência ao perceber sua dimensão vertical superior e inferior, sua extensão horizontal à frente e atrás, e sua lateralidade direita e esquerda.

Este corpo do ser lançado no mundo, circunscrito em sua história de vida biopsicossocial, alternadamente expressa sua mobilidade espacial.

Encolhe-se angustiado e tem vertigem.

Exalta-se com a liberdade.

Paralisa-se com o medo.

Desorienta-se com sentimentos de culpa, castigo, destruição e perseguição.

Torna-se lento, inibido e melancólico na depressão.

Automatiza-se com as pressões.

Curva-se com o peso das preocupações.

Vibra de contentamento e explode de prazer.

Reprime-se e recalca-se ao lembrar traumas, amarguras e desprazeres.

Arredonda-se e suaviza-se em saudades.

Ilumina-se e agiganta-se de amor.

Desesperado encontra-se no vazio.

Portanto, a compreensão de uma pessoa exige a singularidade de discernir as diferentes formas de ser-no-mundo e de ser-com-o-mundo manifestadas por essa pessoa.

Velado pelo "silêncio" o ser se desvela em sua morada, em cada porta e janela que se abre, em cada luz que se acende; a morada do ser, o corpo, fala. Seja ele compreendido.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTIN, Heidegger. *Ser e tempo*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1988.

MONIQUE, Augras. *O ser da compreensão*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

MAY, Rollo e outros. *Existencia — nueva dimension en psiquiatria y psicologia*. Editorial Gredos S.A., Madrid, 1967.

\* Profa. Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

## A PESSOA IDOSA E O FENÔMENO ESPORTIVO — UMA ABORDAGEM DIDÁTICA

*Reiner Hildebrandt \**  
*Vera Luza Lins Costa \*\**

### 1 — À Guisa de Introdução

O presente artigo pretende abordar a relação entre a pessoa idosa e o fenômeno esportivo, tentando elucidar alguns aspectos humanos e sociais aí observados, segundo nossa concepção teórico-filosófico-científica e político-pedagógica, além de propor uma interpretação que se julga adequada ao problema em questão. Tal pretensão fundamenta-se na compreensão do esporte como "fato social" (Mandelbaum, 1955) e da pessoa idosa como "reflexo e projeto", cuja dinâmica viabiliza um processo de vida e não uma fase nilista e estanque, estigmatizada pelo mito da fatalidade cronológica.

A visualização científica do envelhecer denomina-se Gerontologia, encarada como acúmulo e desenvolvimento e/ou declínio e senescência (Filizola, 1976).

### Condições histórico-sócio-culturais da Gerontologia

O despertar internacional da Gerontologia teve o seu marco em 1939, com o Estudo da Biologia do Envelhecimento, seguindo-se, em 1946, com o Estudo da Psicologia do Envelhecimento, e, em 1948, com a Sociologia do Envelhecimento.

"O principal objetivo da Gerontologia não é prolongar a vida dos velhos, tornando-os velhíssimos, mas sim retardar o processo do envelhecimento, evitar o envelhecimento prematuro e reduzir, ao mínimo, as perdas e incapacidades que podem surgir no decorrer da vida" (Filizola, 1976). No Brasil, "somente em 1962 um grupo de médicos, lutando contra o pensamento anticientífico dos conservadores positivistas, mantenedores do "status quo", decide criar a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, em oposição ao pensamento de um ministro de estado daquela época que dizia: "O Brasil é um país de jovens; para que investir em Geriatria e Gerontologia?" (FARIAS, 1986). É significativo observar "que em 1975, 52% das pessoas idosas com mais de 60 anos no mundo, viviam nos países em desenvolvimento; no ano 2000, prevê-se que essa percentagem suba para 60% e para o ano 2025 dados apontam que 3/4 da população idosa mundial viva nesses países, colocando neles um total de 70% dessa população". (ROMILO, 1988).

No Brasil, teremos no ano 2000 mais de 32 milhões de pessoas acima de 60 anos e "essa é a fase da vida que continua sendo a mais desconhecida e menos estudada da existência humana" (Sena). Em nossa área específica, os currículos comprovam esta realidade. No entanto, o conhecimento da pessoa idosa merece bem mais do que a Educação Física normalmente lhe concede, mais interessada com a alta competição e/ou problemas físico-motores da juventude.

### 2 — Aspectos didáticos do lazer e pessoas idosas através do esporte — Hipóteses

Quando se observa o esporte de pessoas idosas sob ponto de vista didático, parte-se do princípio de que medidas e pensamento didáticos, portanto, reflexos com posicionamentos das finalidades referentes ao conteúdo e métodos podem contribuir para que o esporte de pessoas idosas venham a ser realizado e/ou modificado. Empregamos, propositadamente, o termo "esporte de idosos" em vez de "esporte com idosos", ou "esporte para idosos". Aqui se expressa um posicionamento didático muito abrangente, atingindo ao mesmo

\* Prof. visitante na UFSM, no período de 1984 a 1986 e Prof. de Ciências do Esporte na Universidade de Luneburg, Alemanha, desde 1982.

\*\* Professora colaboradora na Universidade Federal de Pernambuco no período de 1984 a 1987. Assessora da Assessoria de Ensino Superior da Secretaria de Educação de Pernambuco. Atualmente, doutoranda em Epistemologia da Motricidade Humana, da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

tempo a configuração como, também, a meta a ser alcançada no processo ensino-aprendizagem do "esporte de idosos", isto é, como este esporte é ensinado, aprendido e como deve ser praticado. A formulação "esporte de idosos" compreende pessoas idosas que devem (e podem) praticar seu esporte, com autodeterminação, da forma que lhes convém (em grupo e/ou individualmente), e se sintam bem. Isto equivale à independência e valorização da própria condição humana através de estimulação da auto-imagem.

Entretanto, sabemos que, no Brasil, as pessoas idosas, em sua grande maioria, devido, entre outras razões, às influências culturais e às condições sócio-econômicas, não têm atualmente, a possibilidade de praticar o esporte nessa dimensão. A nosso ver, a fórmula "esporte de idosos" vai mais além do que um posicionamento didático: busca uma rutura com o pensamento "esporte para idoso", que, no mínimo, evidencia o "reflexo" de uma situação social, contém a opinião tendenciosa que as pessoas idosas praticantes de esporte necessitam constantemente da orientação de pessoas mais jovens e competentes, sendo, conseqüentemente, a expressão de pressupostos para o processo de envelhecimento. Aí vale o envelhecimento com um processo onde não somente a capacidade física, mas também a cognitiva diminui aos poucos, levando a uma crescente redução da capacidade de aprendizagem e tomada de decisão. Dentre esses requisitos, surge o esporte de idosos facilmente como uma forma reduzida do "esporte" correto" na qualidade de esporte de categoria inferior. A pré-decisão didática de se orientar e avaliar todas as reflexões e medidas para esporte de idosos, sob o critério da "autodeterminação e auto-suficiência", não significa que a observação das alterações e possibilidades do comportamento não sejam percebidas, vez que se encontram ligadas ao processo de envelhecimento. Isso, no entanto, fornece uma perspectiva essencial que servirá para construção das questões centrais do esporte de pessoas idosas, a saber:

- O que significa o envelhecimento para o comportamento da pessoa em relação à prática esportiva?
- O que pode significar a prática de esportes para pessoas idosas?

A fim de se verificar essas questões, torna-se necessário precisar a abrangência do tema "envelhecer", quem é abrangido com o significado "pessoas idosas" e quais os pontos correlatos com o sentido da prática de esportes.

### 3 — O que significa "envelhercer" e "tornar-se pessoa idosa"?

Como precisão básica da pesquisa do envelhecimento, vale, hoje, certamente, que este, de forma alguma, é unicamente um processo biológico. Deve ser compreendido como um processo essencialmente social e, segundo Vath (1973), uma função daquilo que a sociedade define como envelhecer e dos papéis que são dispostos nesta fase da vida através da sociedade. Por essa razão, deve-se posicionar a questão do início do envelhecimento e suas possíveis fases para cada área vital em separado, portanto, também, para o esporte. Do ponto de vista didático, apresenta-se a questão: "quem é, no esporte, pessoa idosa?" Pergunta certamente sem resposta e sem sentido, enquanto a questão venha a ser tratada do ponto de vista exclusivamente cronológico. Essa questão não pode ser levada em conta, enquanto existirem inúmeros casos individuais de exceção. Sob os aspectos anteriormente mencionados do ponto de vista didático, quanto às metas da "autodeterminação e auto-suficiência", a questão é considerada basicamente falsa. A questão não é "quem é no esporte pessoa idosa", mas "quem se menciona no esporte como pessoa idosa", o que é, a nosso ver, um posicionamento da questão que pode abranger outras reflexões didáticas.

Com isso se torna evidente que é a própria pessoa que determina, no ponto de vista da idade, onde se deve incluir na prática esportiva e quais as conseqüências desse comportamento. Entretanto, as formas de ação não se encontram livres na decisão, vez que, geralmente, não poderá desviar-se da orientação recebida nas práticas esportivas. A pessoa aceita, fundamenta ou não sua própria capacidade, seu nível de informação, dentro dos limites da ação. Ela se encontra, além disso, sob influência de forças numerosas do ponto de vista social, muitas vezes delimitativas, que diminuem sua possibilidade na prática esportiva, para ela muitas vezes evidente. Isso poderia explicar porque jovens, e principalmente adultos, não mais — como na infância — se aproveitam das mais e múltiplas possibilidades esportivas. Deve-se mencionar, aqui, especialmente, como os papéis sociais (idade/sexo) limitam as pretensões das pessoas à prática esportiva.

### 4 — Vem agora a questão da segunda pergunta central: O que significa "prática esportiva de pessoas idosas"?

As reflexões ora apresentadas, para a questão do que torna a pessoa, no esporte, uma pessoa

idosa, ou o que venha a ser compreendido como tal, já foram mencionadas em diversas fases e também que uma compreensão específica sobre o esporte pode levar a pessoa ao papel do esportista idoso. Fica aqui a questão, se se trata de um processo forçado. Expressando-se de outra maneira: fornece o esporte, realmente, critérios que podem ou devem diferenciar o esporte de jovens do de idosos? E ainda: leva isso, necessariamente, a conseqüências do ponto de vista da organização?

Para responder essas questões, necessita-se de um apêndice no qual se tenta analisar as intenções do quadro de ação do esporte, isto é, sob que intenções e metas agem as pessoas neste campo e como se comportam nas orientações e ações de comportamento.

Quando as pessoas são ativas, no quadro de ação do esporte, podem ocorrer as seguintes situações de ação:

— Sob uma intenção de ação esportiva, que segue o princípio do sobrepujar, isto é, que é dirigida para uma constante melhoria da capacidade esportiva, pratica-se esporte para sobrepujar sua própria capacidade e/ou a capacidade do outro. Frequentemente, tem por meta essa intenção de ação, a competição e o êxito na concorrência, e limita uma escolha entre vencedores e vencidos. Essa intenção de ação não somente se encontra no chamado "esporte de elite", mas, também, no "esporte de massa".

— O esporte pode ser praticado sob uma intenção de ação esportiva, com vistas à saúde, isto é, intencionalmente se pratica o esporte a fim de exercer resultados profiláticos e terapêuticos sobre o organismo. Encontramos esta intenção de ação, entre outras situações, na ginástica matinal, na ginástica de pessoas doentes e nos intervalos para movimento no local de trabalho.

— O esporte pode ser praticado dentro de uma ação de intenção, baseado em experiências sensitivas. Estas experiências no esporte, podem ser obtidas, no mínimo, de três maneiras:

- a) como experiência sensitiva do próprio corpo;
- b) como experiência sensitiva do meio-ambiente, da natureza;
- c) como experiência sensitiva da qualidade estética da seqüência de movimentos e formas esportivas.

## 5 — O esporte pode ser praticado com uma intenção primário — comunicativo — social

A prática de esportes sob esta intenção de ação é uma provocação e uma abrangência de pouca intensidade da sociedade. A intenção de se integrar todos os participantes, através da prática esportiva encontra-se em primeiro plano. Se isso fomentou critérios que estabeleçam distinções entre o esporte de jovens e o esportes de idosos, é o que questionamos. A nosso ver, nada se opõe, basicamente, que o esporte seja praticado sob cada uma das intenções de ação mencionadas, dentro das feixas de idade mais avançadas. O que se apresenta, de várias formas, como problemático para as pessoas idosas, comprova-se na observação pormenorizada, como sendo aquela ação de intenção que está dirigida para sobrepujar os outros e para melhoria constante da capacidade.

O esporte, dentro destas intenções de ação, pode-se tornar, com o aumento da idade, um incentivo para um alto risco de saúde, vez que, mesmo na pessoa treinada, e principalmente no organismo sem teinamento, provoca, muitas vezes, uma sobrecarga junto ao limite máximo de capacidade, a qual não se encontra fisicamente em forma, segundo os esforços exigidos para se alcançar determinados limites de sobrecarga. Todo esse peso da problemática aqui apresentada se torna somente evidente quando se observa a situação atual dentro do campo de ação dos esportes, no âmbito da discussão pública e na representação do esporte. Parece que este, atualmente, é praticado e reconhecido, na maioria das vezes, com a intenção da ação "sobrepujar/melhoria da capacidade". Não é de se admirar que a maioria das pessoas, tanto jovens como mais idosas, tenham dificuldades em confrontar-se com as atuais escolhas de ação. Nem tampouco causa admiração, quando esse entendimento esportivo vem a produzir conseqüências negativas. Isto é válido, antes de tudo, para os que têm capacidade desportiva mais fraca, entre os quais muitas pessoas idosas, que, muitas vezes, após longo período de interrupção, querem se tornar esportivamente ativas. Essa hipótese não foi tirada do ar, pelo fato de que muitas dessas pessoas, após curto período, abandonam novamente o esporte, especialmente em conseqüência dos resultados de uma prática, onde se sentem sobrepujados. Quando as pessoas somente desejam sobrepujar a si próprias ou a outros, haverá pouco espaço para comunicação social.

## 6 — Algumas conseqüências didáticas

Os pensamentos até aqui expostos, fornecem certamente uma série de pontos de partida, para

se formular algumas conseqüências didáticas para o esporte de pessoas idosas.

Quais são as prioridades a ser fixadas com relação a intenções de ação diferenciadas? Com relação à problemática apresentada de um esporte prático, especialmente sob a intenção de ação "sobrepular/constante melhoria de capacidade", um dos problemas centrais no esporte de pessoas idosas é que os praticantes dos esportes podem ser levados a pensar que uma prática esportiva e, comum (pessoas com capacidades diferenciadas em relação ao sexo, procedências diferentes, condições sociais distintas etc.) é realizada sem satisfação enquanto o esportista não consegue se descontrair e aprender, pelo menos periodicamente, sobre o super-esforço e elevação constante da capacidade de compreensão esportiva, para praticar, também, o esporte sobre outras intenções de ação.

Sob estas intenções de ação, devem-se apresentar, prioritariamente, aqueles que venham a corresponder às necessidades, motivações e interesses das pessoas idosas. As conclusões até aqui existentes quanto ao resultado mencionam que, com a elevação da faixa etária, cada vez mais se apresentam os motivos de saúde e a necessidade de contato social. Estas duas intenções nos parecem, dentro do esporte de pessoas idosas, também como as mais importantes, devendo-se, entretanto, partir do princípio que um esporte exclusivamente orientado para a saúde, sem levar em consideração as necessidades comunicativo-sociais, atua com pouca motivação e, freqüentemente, é abandonado.

Atualmente dentro da compreensão esportiva, parte-se do princípio de que os tipos desportivos surgidos sócio-historicamente, na maioria com suas normas internacionais, vêm a ser conteúdos de movimentos e ações da prática esportiva e que deveriam ser seguidos inalteradamente.

Isso, no entanto, não é reconhecido dentro das exigências da compreensão esportiva de comunicação social. Vale dizer: não existe um esporte "correto", mas o esporte é "certo" quando pode ser praticado sob as condições de cada situação para o bem-estar de todos os participantes.

As pessoas idosas, são levadas também, a aprender a se comunicar com as regras e normas do esporte tradicional. Estas podem servir de barreira na reflexão e na ação, causando restrições aos esportistas. Não se deve oferecer outras modalidades esportivas, mas sim formas alternativas de uma prática esportiva determinada pela comunidade social que traga, no seu bojo, o substrato cultural do povo, onde se evidencie o jogo, a

crítica, a brincadeira, a alegria, o humor, o sorriso e a festa.

Que aconteça nas praças, nos clubes, nas praias, nas agremiações locais, nas associações de moradores, nas ruas, e em todos os lugares onde seja conquistado o direito de uma prática esportiva de grupos heterogêneos.

Assim, acreditamos ser possível construir e desenvolver, de forma autônoma, os conteúdos de uma prática esportiva em comum, dentro dos pré-requisitos estabelecidos.

## 7 — Conclusão

Parece-nos oportuna uma reflexão sobre o conteúdo das aulas de Educação Física em nossas escolas. As pessoas mais idosas, em geral, participaram das aulas de Educação Física no tempo de jovem. As crianças e os jovens que freqüentam, hoje, nossas aulas serão amanhã, os idosos nos esportes. O que produziu essa aula de Educação Física, o que não produziu, o que deveria ter produzido?

Pelo menos, uma consequência deverá ser tirada dessas reflexões: uma aula de Educação Física que pretende desenvolver e realizar o objetivo geral da capacidade de ação não se limitará ao fomento das qualificações esportivas, mas também deverá fornecer conhecimentos e competências das ações sociais para o esporte com vista à saúde e à orientação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIAS, S. da Hora. **Comunicação Pessoal** (1983)
- FELIZOLA, Mário. **A Biologia do Envelhecimento**. Rio de Janeiro, Merck, 1976 (geriatria, 4)
- MANDELBAUM, Gesellschaftliche Tatsachen (Social Facts). In: RITSERT, J. (Hrsg.): *Grunde und Ursachen gesellschaftlichen Handelns*. Frankfurt, Suhrkamp 1975.
- RAMILO, Maria Tereza. Seminário-Gerontomotricidade na Educação para a reforma. **Educação Especial e Reabilitação**. Vol. 1 — nº 0 Universidade Técnica de Lisboa ISEF — Dezembro de 1988.
- SENA, Stella. **Geriatria e Enfermagem**. Mémeo, s.d.

## EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR & PEDAGOGIA DO MOVIMENTO: RESGATANDO A ESCOLARIDADE

Paulo Roberto Gomes de Lima \*

1. "Afiando as garras": "para quê/quem", "por quê" e "como"? Aqui se trata de uma comunicação docente, expondo à crítica, em busca do debate, as idéias centrais de um trabalho piloto que atualmente este autor realiza com professores e alunos, ao nível do Ensino de 1º Grau (Estado do Espírito Santo — 1989/90). O trabalho objetiva a real configuração da Educação Física Escolar no plano de uma "Pedagogia do Movimento" e sua contextualização como Disciplina (5ª/8ª séries)/Atividades (1ª à 4ª séries) academicamente compreendida segundo os dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação no Ensino de 1º e 2º Graus. Em outras palavras, assumir a Educação Física Escolar enquanto Disciplina/Atividade Acadêmica, assim como "está" instituída, segundo a legislação vigente no País (sua aceitação como tal disposta, ou não, representa outra questão a se discutir/Investigar e, em tempo, já que neste "tempo presente" trata-se da nova Lei de Diretrizes e Bases).

Permitindo-se um parêntese, esta oportunidade de comunicação decorreu pela passagem em Aracaju (SE) para ministrar o Curso de Extensão "Pedagogia do Movimento", como forma de participação no programa Pré-ENEF/90, abordando-se questões relativas ao projeto acima referenciado, onde, através de seminário e oficinas, tratou-se de "Mover-se/Jogando" como forma de expressão sociomotora, ao mesmo tempo que representa um ato tático de manifestar-se nas relações intra e interpessoais do Homem em Movimento na Sociedade. Daí tomar, em particular, o "Mover-se/Jogando" como "Objeto de Estudo" da Educação Física Escolar no corpo da estrutura curricular, ao lado de outros — a fala, a escrita, o número, os fatos e os fenômenos biofísicos — correspondentes às demais disciplinas/atividades curriculares. E, nesta conjuntura, compreender a "Aula" como espaço de Vivências-Convivências de natureza Sociocultural, no decurso do Processo de Educação dentro da Escola, a partir de uma tendência histórico-crítica da Filosofia da Educação.

### 1.1 — O objetivo de estudo

Retomando a inicial, esta comunicação objetiva destacar a questão central do trabalho original (projeto piloto) em que se propõe tratar da Educação Física Escolar, apropriadamente, dentro do Processo da Educação no plano da Escolaridade, dando três "passos", por assim dizer. Inicialmente, indagar sobre as concepções que os alunos do 1º grau têm a respeito da Educação Física, enquanto Disciplina/Atividade Acadêmica, correspondentemente às demais componentes curriculares. A seguir, no plano das vivências na prática das atividades motoras, durante as "Aulas" de Educação Física, propiciar condições para que os alunos possam conceber o "Mover-se Jogando" como objeto de estudo desta Disciplina/Atividade Acadêmica, num processo correspondente de "estudar", "aprender", na mesma dimensão que concebem as demais componentes curriculares. Por fim, avaliar o processo de apropriação e incorporação dos valores reais do "Mover-Se/Jogando", ao ciclo vital dos participantes na "Aula" de Educação Física Escolar, assim como compreendem ou concebem os demais conteúdos dos quais se apropriam. Lembre-se de que não se está, neste projeto, avaliando a qualidade geral do "Ensino" na Escola, e, sim, o correspondente acadêmico da Educação Física em relação às demais componentes curriculares, no plano do concebido pelos alunos. Em outras palavras: os alunos concebem, praticam e apropriam-se/Incorporam os conteúdos e o papel da "Aula" de Educação Física na mesma dimensão que as demais Disciplinas/Atividades Acadêmicas de sua Escola? A experiência prática no projeto-piloto vem demonstrando que a Aula de Educação Física não é igual às demais, do ponto de vista acadêmico. Daí se configura o distanciamento da Educação Física de suas funções e significados correspondentes à questão da escolarização, para a qual foi instituída, na Escola, o que a diferencia das demais práticas de atividades motoras no "Fazer

\* Professor Adjunto — Departamento de Ginástica — CEFD — Universidade Federal do Espírito Santo.